

À GUIA DE APRESENTAÇÃO

A passagem da filosofia grega às terras do Islã é decerto uma das páginas mais fascinantes e fecundas da história intelectual da humanidade. Trata-se de um processo cujos principais aspectos e conseqüências ainda são em grande medida desconhecidos, em parte pelo desaparecimento de materiais, em parte pela insuficiência de estudos.

O livreiro Ibn Annadím, ou Annadím, morto por volta do ano 1000 da era cristã, deixou uma interessante descrição dos primórdios desse processo na primeira parte do sétimo capítulo do *Catálogo (Fihrist)*, obra em que compendiou todos os ramos do saber escritos em língua árabe. Ali, o autor fez tal processo remontar ao início do século IX: o califa Alma'mún, morto em 833, teria, em sonho, dialogado com Aristóteles. Tal sonho teria consistido no principal estímulo para os acordos entabulados por esse califa com o imperador de Bizâncio no sentido de trazer manuscritos filosóficos a Bagdá, então metrópole mais desenvolvida do planeta. Acompanhemos a narrativa do próprio [Ibn] Annadím:

«Alma'mún viu num sonho como que um homem de cor branca, meio corada, de fronte larga, sobrance-lhas unidas, calvo, de olhos azuis e compleição gentil, sentado em seu trono. Disse Alma'mún: “é como se, diante dele, eu me enchesse de temor. Perguntei enfim: ‘quem és tu?’ e ele respondeu: ‘sou Aristóteles’. Muito contente, eu disse: ‘ó sábio, posso fazer-te perguntas?’ Ele disse: ‘sim’. Perguntei: ‘o que é o bem?’ Respondeu: ‘o que está bem conforme a razão’. Perguntei: ‘e depois?’ Respondeu: ‘o que está bem conforme a lei [divina]’. Perguntei: ‘e depois?’ Respondeu: ‘o que está bem conforme o vulgo’. Perguntei: ‘e depois?’ Respondeu: ‘depois? não há depois’.” E, de acordo com outra narrativa: “eu disse: ‘dá-me mais’. Ele disse: ‘quem te der conselhos de ouro¹, como ouro seja ele junto a ti; deves também observar a unicidade [de Deus]’.” Este sonho foi um dos mais fortes motivos para a elaboração de livros, pois Alma'mún trocava correspondências com o imperador de Bizâncio, e insistiu no pedido de autorização para copiar tudo que escolhesse dentre as ciências antigas, guardadas como tesouro na terra dos bizantinos, e o imperador, após um período de recusa, acabou por aquiescer. Alma'mún enviou então um grupo de homens, entre os quais Alhajjáj Bin Matar, Ibn Albitríq e Salma, da Casa de Sabedoria, os quais levaram o que quiseram dentre o que encontraram. Depois, conduziram tudo até o califa, que lhes ordenou que traduzissem, e então fizeram-se as traduções. Também se conta que, entre os enviados a Bizâncio, estava Yuhanna Bin Masawayh.

«Entre os que se interessaram em trazer livros de Bizâncio, encontravam-se Muhammad, 'Ahmad e Alhasan, filhos de Xákir, o astrônomo, dos quais se falará a seguir, que envidaram todos os esforços para isso, enviando Hunayn Bin Isháq, além de outros, a Bizâncio, e ele lhes trouxe livros curiosos e obras admiráveis de filosofia, geometria, música, aritmética e medicina. E Qusta Ibn Lúqá, de Baalbek, esteve entre os que trouxeram um pouco de livros; alguns ele traduziu, e outros lhe foram traduzidos.

«Disse 'Abu Sulaymán, lógico de Sijistán: os filhos do astrônomo Xákir pagavam quinhentos dinares mensais pela tradução e freqüência a um grupo de tradutores, entre os quais Hunayn Bin Isháq, Habíx Bin Alhasan e Thábit Bin Qurra.

¹ “Conselhos de ouro” (ou “sobre ouro”) traduz *nasá'ih fi al-dahab*, mas é possível que haja algum erro de cópia nesse ponto. Uma leitura consistente e lógica seria *nasá'ih fi al-madhab*, “conselhos sobre doutrina”.

«Ouvi 'Abu Isháq Bin Xahrám dizendo, numa assembléia, que existe em Bizâncio um templo de construção muito antiga —cujo portão jamais se viu mais formidável, com dois batentes de ferro—, local que os antigos gregos, quando se punham a adorar os astros e os ídolos, glorificavam, nele realizando preces e sacrifícios. Disse: “pedi então ao imperador de Bizâncio que o abrisse e me mostrasse seu interior, mas ele não quis, pois o templo havia sido fechado numa época em que os bizantinos haviam conseguido grandes vitórias. Contudo, continuei insistindo por meio de cartas, e verbalmente quando comparecia diante dele. Então ele resolveu abri-lo, e eis que era uma construção de mármore e várias espécies de rocha enorme, e continha inscrições e desenhos como eu nunca antes tinha visto, nem em quantidade nem em beleza. E a quantidade de livros existentes nesse templo teria de ser carregada no dorso de vários camelos”. E passou a aumentar o número até dizer: “mil camelos; alguns desses livros estavam deteriorados, outros em bom estado e outros roídos por traças. Vi coisas curiosas, como instrumentos de ouro para sacrifícios. Depois que eu saí, fechou a porta, e passou a jogar-me na cara o favor que me fizera. Isso foi no tempo de Sayf Addawla [915-965]”. 'Abu Isháq também alega que tal construção fica a três dias de Constantinopla, e que nas vizinhanças do local vivem os sabeus caldaicos, aos quais os bizantinos permitem continuar em seu sistema de crenças, deles recolhendo impostos.»²

Elaboração *a posteriori*, o conceito de Idade Média —desde há muito sedimentado apesar das reticências de vários historiadores contemporâneos— geralmente opera em chave negativa, como treva que contrasta duas ofuscantes luminosidades, a da Antigüidade e a do Renascimento. Ainda que, hoje, os medievalistas já não aceitem tal depreciação, a negatividade prevalece: “medieval” continua sendo sinônimo de atrasado, obtuso etc. Não é, nem de longe, o caso do mundo muçulmano: repelindo a sua inserção no contexto geral do que se costuma grosseira e equivocadamente unificar como “filosofia medieval”, Miguel Attie evidencia que a *falsafa* muçulmana representou uma contribuição inestimável ao saber humano, página que não pode ser extirpada sem tornar inexplicáveis muitos fenômenos da Escolástica e do Renascimento europeu — isso para ficar num dos aspectos da questão, e certamente não o mais importante, já que nenhuma civilização se constitui com a finalidade precípua de “contribuir” com outra, pois tal contribuição, ao contrário do que postula certa espécie de narcisismo cultural, é sempre incidental, muito embora nada disso anule ou contrarie o fato de que a produção cultural islâmica, no seu todo, transformou-se, desde cedo, em patrimônio cultural da humanidade. Os *falásifa* construíram um sistema sólido e coerente, que por mais de uma vez foi chamado a intervir nos debates, embates e nas grandes questões do tempo. Como observa Mohammed Abed Aljabri, filósofo marroquino contemporâneo, os relatos a respeito do sonho do califa Alma'mún não são, de forma alguma, gratuitos, estando diretamente relacionados com uma nova postura política para o exercício do poder. Nesse sentido, o próprio conteúdo do sonho era quase que uma aplicação, no plano onírico, de princípios da escola *mu'tazila*, com o escalonamento dos níveis aceitáveis de conhecimento: razão, revelação e senso comum.

E a língua árabe revelou-se, desde cedo, inteiramente permeável aos novos objetos intelectuais que se lhe deparavam. Aliás, essa capacidade ímpar deve ser destacada: da filosofia grega antiga à prosa de James Joyce e ao desconstrucionismo, a língua árabe sempre se mostrou capaz de receber e assimilar saberes e técnicas da mais variada espécie e origem. E, hoje, é especialmente notável o esfor-

² - Annadím Alwarráq, *Alfihrist*. Beirute, Dár Alkutub Al'ilmiyya, 1996, 397-398.

ço, muitas vezes hercúleo, dos estudiosos, filósofos e escritores árabes no sentido de promover uma retomada crítica do que se conhece por “*turáth*”, isto é, a tradição cultural herdada, e sua releitura à luz das necessidades e exigências colocadas pelo mundo contemporâneo.

Seja como for, nunca é demais insistir no fato de que os filósofos muçulmanos, ou *falásifa*, ao contrário do que se repetiu com foros de verdade absoluta até bem pouco tempo, não se limitaram a receber, comentar e preservar o legado grego: eles foram bem mais longe. É esta *translatio studiorum*, como bem a denominou Alain de Libera, assim como suas inevitáveis implicações, o objeto deste excelente livro, pioneiro em língua portuguesa. Além de estudar o movimento das idéias propriamente dito, o livro também se debruça sobre suas possibilidades de efetuação, traçando um panorama muito vivaz daquele período histórico, que o autor, com carradas de razão, considera luminoso. É ler, pois, e aprender. *Wa laka axxukr aljazíl, yá Miguel Attie, ‘alà jáhdika almustanír.*

*Mamede Mustafa Jarouche,
USP, 13 de outubro de 2001.*